



# ÉTICA NAS PESQUISAS COM CRIANÇAS: DESAFIOS QUE MARCA(RA)M OS 30 ANOS DE HISTÓRIA DO NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS DA EDUCAÇÃO NA PEQUENA INFÂNCIA (NUPEIN - CED/UFSC)<sup>1</sup>

**Ethics in research with children: Challenges that mark the 30-year history of the nucleus of studies and research in early childhood education (NUPEIN - CED/UFSC)**

Roseli **NAZÁRIO**  
Programa de Pós Graduação em Educação  
Instituto Federal Catarinense (IFC)  
Camboriú, Brasil  
[rose.nazario5@gmail.com](mailto:rose.nazario5@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-4562-148X> 

Andréa Simões **RIVERO**  
Curso de Pedagogia  
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)  
Chapecó, Brasil  
[dejarivero@gmail.com](mailto:dejarivero@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-4268-5920> 

Mais informações da obra no final do artigo 

## RESUMO

O texto ora apresentado traz reflexões sobre a produção do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância (NUPEIN - CED/UFSC), ao longo dos 30 anos de sua existência, e adota como recorte a ética nas pesquisas com crianças. Comporta discussões tecidas no âmbito no V GRUPECI (2016) e amplia o debate a partir das pesquisas defendidas após o encontro de 2016, colocando em destaque um conjunto de desafios enfrentados no decurso dessas três décadas. Entre os desafios, à luz dos Estudos da Infância, ressalta alguns tensionamentos referentes à escuta das vozes das crianças nas pesquisas, a necessidade de uma postura de permanente reflexividade crítica, bem como, aqueles concernentes à simetria ética convocada aos estudos, entendendo alteridades e similitudes como aspectos que integram uma relação dialógica entre adultos e crianças.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Infantil. Ética nas pesquisas com crianças. Vozes das crianças. Reflexividade crítica.

## ABSTRACT

This text reflects on the work of the Nucleus of Studies and Research in Early Childhood Education (NUPEIN - CED/UFSC), during its 30-year history, and focuses on ethics in research with children. It presents discussions undertaken at the V GRUPECI (2016) and expands the debate through studies defended after this encounter, highlighting a set of challenges faced over these three decades. The challenges in the realm of early childhood studies include: the need to emphasize questionings about the listening to children's voices in the studies; the need for a posture of permanent critical reflexivity; and issues related to the ethical symmetry convoked by the studies, while understanding alterities and similitudes as aspects that integrate a dialogical relationship between adults and children.

**KEYWORDS:** Early childhood education. Ethics in research with children. Children's voices. Critical reflexivity.

<sup>1</sup> Este texto, embora tecido a duas mãos, comporta a polifonia das discussões e reflexões produzidas ao longo das três décadas de existência deste Núcleo de Estudos e Pesquisas. Também traz aspectos tratados nos textos apresentados no V GRUPECI (2016 - não publicados), cuja autoria compartilhamos com colegas a quem agradecemos nominalmente: Fernanda Gonçalves; Giselle Machado de Vasconcelos; Kátia Adair Agostinho e Juliana Schumacker Lessa.

## INTRODUÇÃO

No presente texto, a partir das reflexões em torno da ética nas pesquisas com crianças, trazemos para o cenário parte da produção do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância (NUPEIN - CED/UFSC), realizada ao longo de seus 30 anos de existência. Retomamos discussões tecidas no âmbito no V Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias (GRUPECI - 2016)<sup>2</sup> com base nas pesquisas desenvolvidas no Núcleo, até então, e ampliamos o debate incluindo as pesquisas defendidas posteriormente ao seminário realizado em Florianópolis no ano de 2016, colocando em destaque um conjunto de desafios enfrentados no decurso dessas três décadas.

Ao longo do processo de feitura deste texto fomos tomadas por muitas lembranças. Lembranças sobre um tempo-lugar marcado por chegadas e partidas. De pesquisadoras(es) que chegaram e, passado um tempo, tomaram diferentes rumos. Das(os) novas(os) que ingressavam a cada ano. Mas, também daquelas(es) que se mantêm até hoje nesse lugar. Tais recordações, aliadas à responsabilidade de trazer nesta escrita (parte) da história de um Núcleo com 30 anos, nos arremessou às palavras de Riobaldo, personagem de Grande sertão: veredas.

Contar é muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos; uns com outros acho que nem se misturam (ROSA, [1956] 2001, p. 56).

Assim, não temos a pretensão de “contar seguido, alinhavado” essa história, até porque isso só é possível, segundo Riobaldo, “sendo coisas de rasa importância”. Então, “como um álbum de retratos, cada um completo em si mesmo, cada um contendo o sentido inteiro”, organizamos esta escrita, dividida em partes. Na primeira situam-se as tensões em torno das vozes das crianças nas pesquisas e, à luz dos Estudos da Infância, contornamos alguns dos desafios ético-metodológicos colocados às(aos)

---

<sup>2</sup> O Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias (GRUPECI) é um evento científico que, desde 2008, reúne grupos de pesquisa de diversas regiões brasileiras, com o objetivo de compartilhar e debater estudos e pesquisas que abordem, de forma multi e interdisciplinar, questões pertinentes às crianças como sujeitos humanos e às infâncias em suas múltiplas dimensões, fomentando e fortalecendo pesquisas em diferentes campos teóricos, com focos e perspectivas diversas. Disponível em <https://grupeci.com/> Acesso em 02 jan 2021.

pesquisadoras(es), com vistas à reflexões críticas que evitam o risco de superficializações e generalizações nas pesquisas.

Na sequência, historicizamos a trajetória do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN (CED/UFSC), construída, em grande parte, no diálogo com esse novo campo de estudos e a partir do *balancê* provocado no/pelo encontro com as crianças pequenas, suas infâncias e seus direitos.

Esse campo, denominado Estudos da Infância<sup>3</sup>, com o qual a área da Educação e seus pesquisadores vêm construindo uma interlocução nas últimas décadas, tem ampliado a produção de pesquisas interdisciplinares voltadas à Educação da Infância, confrontando uma tradição de estudos voltada à processos e métodos pedagógicos e à orientações únicas e gerais para a educação das crianças, que as definiam de forma abstrata e universal. Tais diálogos têm provocado a Pedagogia a fazer movimentos no sentido de investigar os contornos do ser criança, os processos de constituição da infância e da sua educação, considerando-a como um agente cultural e informante qualificado (ROCHA, 2011).

Nesta direção, a relevância social atribuída à infância nas últimas décadas e a sua tradução nas Ciências Sociais supõe compreendê-la como categoria social e as crianças como membros ativos da sociedade. Tais compreensões têm impulsionado renovações<sup>4</sup> nas abordagens dos Estudos da Infância e possibilitado a emergência de um paradigma teórico que tem, entre seus pressupostos, o de abrir espaço para a voz das crianças nas pesquisas, concebendo-as “como pessoas a serem estudadas em seus próprios direitos e não apenas como recipientes dos ensinamentos dos adultos” (HARDMAN, 1973, p. 87).

Ao concebermos a infância como um espaço social estruturalmente determinado por uma gama de instituições sociais, entende-se necessário aprofundar o conhecimento sobre perspectivas teórico-metodológicas que defendem o reconhecimento dos pontos de vista das crianças, bem como as suas possibilidades de participação no plano da pesquisa acadêmica (JAMES, 2019), precisamente porque

[...] as crianças como sujeitos também são estrutural e culturalmente determinadas como atores sociais com papéis sociais específicos que

---

<sup>3</sup> Sarmiento e Gouvea (2008, p.9) situam os *estudos da infância* como um campo em pleno desenvolvimento, cujos estudos alargam as fronteiras do campo disciplinar. Conforme os autores bem os definem: “A partir do olhar da sociologia, da história, da antropologia, da psicologia, etc., e tomando por foco a infância como categoria social do tipo geracional, têm-se vindo a desenvolver trabalhos de pesquisa que procuram resgatar a infância como objeto de conhecimento, nas suas múltiplas articulações com as diversas esferas, categorias e estruturas da sociedade”.

<sup>4</sup> Ver mapeamentos realizados por Cohn (2005), Silva, Macedo e Nunes (2002), Gouvea (2008), Kohan (2007).

desempenham na condição de crianças. Na verdade, isso é o que constitui os seus pontos de vista. Porém, as crianças também "moldam aqueles papéis, tanto como indivíduos e como coletividade, e podem criar novos que alteram o próprio espaço social da infância" (JAMES; JAMES, 2004 apud JAMES, 2019, p. 243).

A partir dessa visão, os estudos da infância unem-se em torno da compreensão de que a infância se caracteriza como uma construção social, possuidora de um duplo foco da pesquisa - a infância como um espaço socio-estrutural e as perspectivas das próprias crianças como atores sociais (JAMES, 2019, p. 226).

Esse processo amplifica e aprofunda a problematização da dimensão ética, à medida que os Estudos da Infância instigam a uma dupla ruptura epistemológica, com o senso comum e com o conhecimento predominante sobre as crianças e a infância, propondo a inversão da relação tradicional de investigação e, conseqüentemente, da relação intergeracional entre adultos e crianças, requerendo que o(a) pesquisador(a) assuma as crianças como seres ativos na construção e determinação das suas vidas e dos que as rodeiam, reconhecendo a sua equidade conceitual (FERREIRA, 2004). Trata-se de se posicionar no sentido de

[...] conhecer as suas condições de existência na contemporaneidade, de compreender as suas interpretações e interpelações, de repensar o que é ser criança e o que é ser adulto e de perspectivar criticamente os modos como a organização social funciona. Pode então dizer-se que o que está em causa é a preocupação em conhecer o *Outro* criança nos seus próprios termos para conhecermos a realidade social a partir delas (FERREIRA; RIVERO, 2020, p. 74).

Assim, ao se propor a resgatar a infância de perspectivas biologizantes e psicologizantes, além de interrogar a sociedade a partir de um ângulo que concebe as crianças como objeto de investigação sociológica por direito próprio, a Sociologia da Infância tem contribuído para ampliar o conhecimento não somente sobre a infância, mas sobre o conjunto da sociedade (SARMENTO, 2005).

No Brasil, esse campo tem contribuído para a investigação das crianças possibilitando "[...] conhecê-las nas múltiplas relações que estabelecem nas experiências cotidianas, de onde retiram os conteúdos presentes em brincadeiras e interações" (NASCIMENTO, 2011, p. 51), para além de sua condição de alunos ou seres em desenvolvimento. Nesse sentido, o campo tem possibilitado uma mudança de perspectiva em relação às suas atividades: "Em vez da fragilidade, da incompetência, da negatividade *naturalmente* atribuída aos pequenos, é possível formular outras hipóteses, a partir de suas ações concretas e simbólicas." (NASCIMENTO, 2011, p. 51).

Os Estudos da Infância têm afirmado a necessidade de análises que considerem a complexidade das relações que envolvem a infância e sua educação. Segundo Rocha e Buss-Simão (2013) a pesquisa nacional recente apresenta um surpreendente

crescimento quantitativo de estudos a respeito da educação das crianças na Educação Infantil (mas não só), sobretudo na esfera da sociologia da infância. Essa intensificação, ressaltam as autoras, resulta “da consolidação dessa área na Europa, do fortalecimento das relações internacionais dos programas de pós-graduação e da própria demanda científica por uma maior articulação disciplinar para o estudo da educação na infância.” (ROCHA; BUSS-SIMÃO, 2013, p. 948). Contudo, as pesquisadoras sinalizam para a necessidade da pesquisa educacional estar alerta aos riscos de superficializações e generalizações, particularmente das contribuições vindas das ciências sociais. Entendemos necessário acolher tal ponderação e ampliar esforços no sentido de melhor compreender as reflexões críticas sobre pesquisas com crianças tecidas no interior dos estudos sociais da infância.

## **DESAFIOS ÉTICO-METODOLÓGICOS À PESQUISA COM CRIANÇAS: REFLEXÕES E INTERROGAÇÕES**

*Eu quase que nada não sei.  
Mas desconfio de muita coisa  
(ROSA, [1956] 2001).*

Pesquisar as perspectivas sociais das próprias crianças informa-nos acerca de sua vida cotidiana em diferentes contextos culturais e nessas produções os adultos tecem, segundo James (2019, p. 226), “[...] relatos provocativos que desafiam muitos dos pressupostos tomados como certos sobre o que as crianças fazem ou pensam”. Tais pesquisas, destaca a autora, usam em grande medida métodos antropológicos qualitativos - pesquisa etnográfica, observação participante, técnicas de pesquisa participativa ou entrevistas etnográficas e, desse modo, as vozes das crianças tornaram-se frequentes em relatos de pesquisa, sendo “[...] essas vozes que constituem as perspectivas das crianças como atores sociais” (JAMES, 2019, p. 226).

Justamente em função dos estudos da infância terem se tornado um campo de pesquisa estabelecido e respeitável, nesse relevante artigo publicado originalmente em 2007, James contribui para revigorar a pesquisa da infância ao alertar para a necessidade de considerar criticamente a direção tomada pelo campo:

Em primeiro lugar, precisamos proteger-nos contra uma forma grosseira do que Clifford Geertz chamou de “ventriloquismo” etnográfico: a pretensão de falar não apenas sobre outra forma de vida, mas falar de dentro dela” (GEERTZ, 1988, p. 145). Isto implica dizer que para os pesquisadores adultos há uma linha tênue entre apresentar os relatos das crianças sobre o mundo e assumirem-se como capazes de ver o mundo a partir da perspectiva da criança como um novo tipo de “verdade”. Em segundo lugar, devemos também desafiar o novo “positivismo do texto” e a “autoria dispersa” que parecem pressupor, necessariamente, que a

pesquisa feita com ou por crianças (incluindo "o que as crianças dizem") - é uma representação autêntica (e, portanto, sem problemas) das vozes das crianças (GEERTZ, 1988, p. 145). (JAMES, 2019, p. 224).

Ter superado a relativa ausência de perspectivas de crianças na pesquisa, afirma a pesquisadora, não significa necessariamente que essas vozes sejam "autênticas", pois, "[...] as palavras e frases continuam sendo escolhidas pelo pesquisador e inseridas no texto para ilustrar um argumento ou sublinhar um ponto de vista" (JAMES, 2019, p. 228), exigindo, portanto, reconhecermos o controle dos adultos no processo de edição das vozes das crianças.

Por outro lado, o significado da inclusão das vozes das crianças não pode ser minimizado, em função de representar uma ruptura epistemológica radical, não apenas com a psicologia do desenvolvimento, mas também com perspectivas tradicionais que enfatizavam a insuficiência e a falta de articulação das crianças (JAMES, 2019).

Contudo, em função de identificar uma ampla polifonia de vozes de crianças nos estudos e, por vezes, citações acríicas das mesmas, a autora sugere uma atenção crítica aos modos como suas vozes são apresentadas pelos pesquisadores da infância, que além do mais, afirma, precisariam "considerar, a um nível epistemológico, o que esta prática significa enquanto processo de representação da infância." (JAMES, 2019, p. 230).

A esse respeito James (2019) cita Sandra Wallman (1997, p. 244) para enfatizar o entendimento de que representações simplificam a realidade representada, e de que os significados atribuídos às mesmas são socialmente construídos, ou seja:

Para Wallman, "representações são sobre simplificação por uma questão de comunicação" (1997: 244); assim, o cuidado consiste em estar ciente da importância e do impacto das simplificações, traduções e mediações que fazemos na apresentação das opiniões de outras pessoas. Nos Estudos da Infância, este conselho é oportuno, dado o imenso capital político que está a ser cada vez mais atribuído à "escuta das vozes das crianças" tanto nas arenas das políticas locais quanto nas globais. Perguntas devem ser feitas sobre quais as vozes estão sendo representadas e por quem? Porque estão a ser representadas? E, finalmente, quais são as implicações da forma que assumem? (JAMES, 2019, p. 236).

O reconhecimento de toda pesquisa como um processo de representação nos termos apresentados, seja ela produzida por adultos ou crianças, conduz a autora a propor, como uma alternativa significativa à inclusão das vozes das crianças como atores sociais, a exploração dos meandros e tensões dessa relação por meio da documentação empírica, isto é, do modo como ela é representada na e pela vida cotidiana das crianças (JAMES, 2019, p. 238), pois

Isso evitaria algumas das armadilhas e problemas de representação [...], não os escondendo, mas tornando-os um foco explícito para a prática. Desta forma, ao

refletir as complexidades das questões que enquadram o que as crianças dizem, ao invés de oferecer a simples mensagem de que gravar e relatar suas vozes é suficiente, pode possibilitar que as vozes das crianças sejam escutadas com maior disponibilidade e as suas perspectivas mais prontamente entendidas (JAMES, 2019, p. 243).

Para a pesquisadora, portanto, o desafio proposto aos Estudos da Infância pela própria história da Antropologia é o de *desafiar e teorizar essas práticas*, pois, do contrário, arrisca-se a “operar a partir de mitificações, de tentativas para ‘contornar o fato incontornável de que todas as descrições etnográficas são feitas em casa, sendo descrições dos descritores e não as dos descritos’ (GEERTZ, 1988, p. 144-145).” (JAMES, 2019, p. 225). Porém, ressalva que: “Isso não significa, no entanto, abandonar a busca e a inclusão dos pensamentos e palavras das crianças [...], significa garantir que tenhamos em mente as armadilhas inerentes” (JAMES, 2019, p. 232).

Partilhando dessa perspectiva, Ferreira e Nunes (2014) ressaltam que apesar do significativo acúmulo de conhecimento acerca da diversidade e complexidade dos mundos sociais das crianças e da pluralidade de infâncias, a etnografia presente nos estudos da infância não se encontra “isenta de problemas epistemológicos, teóricos, metodológicos e éticos, que acarretam consequências para a compreensão da construção social da infância e para o próprio conhecimento que é gerado (JAMES, 2007; TISDALL; PUNCH, 2012)” (FERREIRA; NUNES, 2014, p. 105). Esse aspecto, segundo as pesquisadoras, torna-se ainda mais problemático em função da reflexividade inerente e emergente da prática etnográfica<sup>5</sup> nem sempre ter visibilidade na produção acadêmica, algo “essencial para esclarecer os processos de produção de conhecimento e repensar o contributo desta abordagem na contemporaneidade e nas várias disciplinas das ciências sociais.” (FERREIRA; NUNES, 2014, p. 105).

Assim, pelo fato de a etnografia tornar-se nas últimas décadas a metodologia mais utilizada pelos Estudos Sociais da Infância para compreendermos a sociedade a partir do fenômeno social da infância, exige-se dela cada vez mais um movimento no sentido de conhecer e estudar os processos de produção do conhecimento para que esses estudos possam avançar, tornando-se autocríticos e inovadores (SPYROS, 2018)<sup>6</sup>.

Nesta direção, o autor chama a atenção sobre os modos como os(as) pesquisadores(as) têm lidado com os dados resultantes das pesquisas com crianças, no sentido de uma imposição dos seus próprios significados sobre os mesmos, “em vez de

---

<sup>5</sup> No caso da produção acadêmica dos países lusófonos essa produção parece se sobressair no campo da educação (Nunes, 1999; 2003; Rocha, 1999; Ferreira; Rocha, 2009; 2012; 2013; Colona, 2011; Martins Filho, 2011; Delgado, 2011; Szulc; Cohn, 2012) (NUNES; FERREIRA, 2014, p. 105).

<sup>6</sup> Livre tradução das autoras.

iluminar outras possibilidades de interpretação”, e orienta para a necessidade de que “um bom trabalho etnográfico exige interação intensa e extensiva com as crianças, para que suas visões de mundo sejam reveladas ao pesquisador ao longo do tempo.” (SPYROS, 2018, p. 103). Tecendo uma profunda reflexão em relação às vozes das crianças, o autor também traz à tona os silêncios como “um aspecto da voz”, alertando para a necessidade constante de “prestar atenção ao silêncio como performance [...] para evitar a tentação de equipará-lo à autenticidade e verdade.” (SPYROS, 2018, p. 102).

Tal indicativo nos é relevante, tendo em vista nossa participação em um núcleo de pesquisa que se constituiu, historicamente, a partir de estudos e pesquisas realizadas no âmbito da Educação Infantil, ou seja, com crianças pequenas e, que quando atravessou essa fronteira institucional, ainda assim assegurou o recorte etário, como no caso da pesquisa de Nazário (2014), realizada no contexto do acolhimento institucional, com crianças de 0 a 6 anos. Sobre esse núcleo trataremos na próxima seção.

Mas, anterior a isso, retornamos a epígrafe desta seção, no sentido de reforçar *os nossos quase não saberes* sobre as contribuições das discussões e desafios lançados pelos Estudos da Infância para o afastamento da infância da perspectiva de “um grupo minoritário, isto é, com um *status* social inferior por relação com os grupos dominantes, e, portanto, com uma situação de exclusão da participação plena na vida social” (SARMENTO; PINTO, 1997, p. 23), muito embora, já *desconfiemos de muitas coisas* nesta direção.

## **O NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS DA EDUCAÇÃO NA PEQUENA INFÂNCIA (NUPEIN): TRINTA ANOS DE HISTÓRIA**

*Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só fazer outras maiores perguntas.* (ROSA, [1956] 2001).

A história do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN (CED/UFSC)<sup>7</sup> foi construída, em grande medida, no encontro e no diálogo com

---

<sup>7</sup> O Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação de 0 a 6 anos (NEE0a6) teve início em 1991, vinculado ao Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (CED/UFSC), sob a coordenação compartilhada das professoras Ana Beatriz Cerisara e Eloisa Acires Candal Rocha e do professor João Josué da Silva Filho. Atualmente, nomeado como Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância (NUPEIN), é coordenado pelas professoras Kátia Adair Agostinho e Márcia Buss-Simão. Pesquisadores(as) do NUPEIN têm ocupado diferentes contextos institucionais e geográficos do estado catarinense e de outros estados brasileiros, fazendo com que as discussões do Núcleo alcancem um território mais alargado, bem como, possibilita maior aproximação às Redes Públicas de Educação Básica, ação esta perseguida desde a sua constituição inicial.

esse novo campo de estudos e algumas de suas perspectivas, cujas trajetórias caracterizam-se por levar a sério as crianças pequenas e suas infâncias, bem como seus direitos.

No seu percurso inicial, datado de 1991, o NUPEIN afirmava a necessidade de produzir pesquisas em contextos de Educação Infantil e dedicava-se a investigar, entre outros temas, a formação docente (inicial e em serviço), abrindo espaço para as vozes de profissionais da área. Os debates e indagações decorrentes dessas primeiras pesquisas suscitam a necessidade de ampliação do conhecimento sobre as práticas educativas, no sentido de ir além das perspectivas pedagógicas tradicionais, sustentadas somente em etapas do desenvolvimento infantil e alheias à dimensão contextual que constitui a infância (ROCHA, 2011).

Nos anos 2000, uma análise da posição da criança na pesquisa científica permitia “[...] perceber como outros campos científicos, particularmente a história, a sociologia, a antropologia e “novas” correntes da psicologia, vinham definindo em termos menos reducionistas as crianças, a infância e sua educação” (ROCHA, 2011, p. 373), levando as(os) pesquisadoras(es) do NUPEIN a envolverem-se na construção de uma interlocução com outros aportes teóricos, sobretudo, com a Sociologia da Infância e a Antropologia da Criança, que exploram “[...] bases teóricas alicerçadas na afirmação da infância como categoria histórico-social e na atenção às determinações materiais e culturais que constituem a infância.” (ROCHA, 2011, p. 373).

Nesse tempo inicial, nossas perguntas gravitavam em torno de como disciplinas como a Sociologia da Infância, a Antropologia da Criança, a Psicologia, entre outras, poderiam contribuir para ampliar a compreensão sobre os modos de vida das crianças. Assim, os estudos e pesquisas do NUPEIN se orientavam pela defesa da infância como um campo interdisciplinar em que o diálogo entre diferentes campos auxiliaria na ampliação dos conhecimentos sobre as crianças e seus mundos de vida.

Avançando nesta análise, nossas reflexões em torno da ética na pesquisa com crianças já estavam presentes desde o final da década de 1990, quando começamos um movimento no sentido de abrir espaço para o ponto de vista das crianças nas pesquisas, processo este que se estruturou no contexto do debate sobre os direitos das crianças – Convenção sobre os Direitos das Crianças (CDC, 1989), Estatuto da Criança e Adolescentes (ECA, 1990), Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças (MEC, 1995) –, e no âmbito de estudos acerca da qualidade e da avaliação da Educação Infantil, em que se explicitou a necessidade de ouvir todos os envolvidos no processo educativo: profissionais, familiares e crianças.

Outra importante inspiração para construirmos itinerários de pesquisa que tinham como objetivo a escuta das crianças, foi a Pedagogia das Relações, desenvolvida em contextos de educação infantil do norte da Itália (GONÇALVES; VASCONCELOS; AGOSTINHO; NAZARIO, 2016).

Assim, o NUPEIN começa a estabelecer aproximações aos pontos de vista das crianças, em busca de compreendê-las sob ângulos pouco explorados e de alargar o conhecimento sobre essa especificidade da vida humana em creches e pré-escolas (ROCHA, 2011). Neste momento, conforme ressalta Cerisara (2004, p. 39) percebe-se “[...] que ter as crianças como parceiras no processo de investigação poderia ampliar o nosso conhecimento sobre elas e sobre a forma como vivem as suas infâncias em contextos de educação coletiva, sendo isso essencial para pensarmos a finalidade das instituições de educação infantil.”

Partia-se do entendimento de que conhecer as crianças em seus contextos de vida e compreender a pluralidade de infâncias precisaria constituir-se em ponto de partida para elaboração de indicadores para a prática pedagógica (RIVERO; LESSA, 2016)

O movimento do NUPEIN de indagar criticamente como as crianças poderiam contribuir para entendermos seus mundos sociais e os processos educativos destinados à elas, nos arremessou à compreensão de que precisávamos também “mostrar o valor de trazer a perspectiva das crianças a respeito de outros assuntos além do que diz respeito apenas às crianças.” (PIRES; NASCIMENTO, 2014, p. 934). Na direção do que apontam essas autoras, a ampliação do diálogo interdisciplinar veio a contribuir para o alargamento de uma compreensão mais aprofundada da infância, mas, igualmente, passamos a entender a necessidade de enfrentar

[...] questões de pesquisa que dizem respeito à sociedade de modo geral, afinal, “nós já sabemos mais ou menos o acontece no parquinho”<sup>8</sup>, mas ainda não sabemos como as crianças influenciam, por exemplo, os destinos políticos ou a economia de um país (PIRES; NASCIMENTO, 2014, p. 934).

Tomando tal indicativo como *suleador*<sup>9</sup> das ações do NUPEIN, as pesquisas de Rosa Batista (1998) e Eloisa Rocha (1999), ao chamar a atenção para a importância da escuta das *vozes das crianças*, representaram um marco e deram início às primeiras reflexões do grupo acerca da ética nas pesquisas com crianças. O descompasso entre o

---

<sup>8</sup> Fala da pesquisadora Alisson James, retirada de entrevista realizada no ano de 2012 por Flávia Pires e Maria Letícia Nascimento, publicada em artigo datado de 2014.

<sup>9</sup> Na perspectiva defendida por Paulo Freire (1992) e Boaventura de Sousa Santos (2009), em contraposição à lógica eurocêntrica dominante que toma o norte como referência universal, esses autores propõem o sul como alternativa à “reinvenção da emancipação social”.

proposto pela lógica adulta e o vivido pelas crianças em instituições de Educação Infantil é colocado em evidência por Batista (1998), cuja pesquisa dá visibilidade às formas de as crianças se (re)apropriarem do cotidiano educativo. Já Rocha (1999, p. 135), ao analisar a produção acadêmica, destacava a criança que estava a emergir nas pesquisas, ganhando contornos que definiam sua heterogeneidade, contudo, alertava para o fato de que isso era insuficiente para que sua voz fosse “ouvida pelo pesquisador”.

Na continuidade, o grupo dá início à pesquisas que buscam a perspectiva das crianças, desafiando-se a construir caminhos teórico-metodológicos nessa direção. A pesquisa de Oliveira (2001) inaugura esse processo, buscando o ponto de vista de crianças a respeito da situação e condição de suas infâncias no interior de uma instituição de Educação Infantil, e, na sequência, Coutinho (2002) propõe-se a dar visibilidade às ações de crianças entre 1 e 3 anos de idade com o intuito de aproximar-se de suas culturas e de práticas de educação e cuidado desenvolvidas na creche.

Dessa forma, como bem define Cerisara (2004), compreender as crianças como fonte privilegiada de informações, tornou-se, para as pesquisadoras e pesquisadores do NUPEIN não apenas interessante, mas necessário, conforme evidencia o mapeamento realizado por Rivero e Lessa (2016, p. 3) e apresentado no V GRUPECI - Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias, realizado na UFSC no ano de 2016.

Assim, nos últimos 18 anos<sup>10</sup> de história do núcleo a convicção sobre a necessidade de realizar pesquisas com crianças fortaleceu-se, tornando-se uma das bases em torno da qual estudos diversos são produzidos. Isto se torna evidente ao verificarmos que desde 2001 até 2015 foram defendidas 31 pesquisas, cuja marca comum é a inclusão da perspectiva das crianças, com vistas à consolidação de um espaço de reflexão e produção de conhecimento, sobretudo no que tange à educação infantil. Dentre estas pesquisas, 22 são dissertações, produzidas nos últimos 15 anos (entre os anos de 2001 a 2015)<sup>11</sup>, e nove são teses produzidas nos últimos sete anos (entre os anos de 2009 e 2015). (RIVERO, LESSA, 2016, p. 3).

Devido à impossibilidade de, nos limites deste artigo, apresentar todo o conjunto de dissertações e teses, realizadas por pesquisadores(as) do NUPEIN, as quais

---

<sup>10</sup> Tomando como referência a primeira pesquisa de mestrado brevemente apresentada acima (BATISTA, 1998). Entretanto, registros apontam que ao longo de toda a trajetória do NUPEIN, até o momento atual, foram/estão sendo orientadas 133 pesquisas, assim distribuídas: 84 em nível de mestrado; 19 de doutorado; 4 de pós-doutorado e 26 de iniciação científica.

<sup>11</sup> Duas dissertações defendidas neste período se aproximam, de modo pontual, da perspectiva das crianças (VANZUITA, 2013; FRANZONI, 2015), entretanto assinalam que as crianças não são as principais interlocutoras nessas pesquisas, razão pela qual decidimos pela não inclusão desses estudos. Por outro lado, quatro outros estudos realizados no período compreendido entre 2010 a 2015 não tinham sido contemplados no levantamento realizado por Rivero e Lessa (2016), mas entendemos sua relevância e necessária inclusão na versão agora atualizada (SILVA, 2010; CASTODI, 2011; SPONCHIADO, 2012; DUTRA, 2013).

buscaram ouvir as crianças, lançamos mão desse mapeamento (RIVERO; LESSA, 2016) sobre parte da produção, compreendendo o período de 2010 a 2015 e, somamos a ele, as pesquisas realizadas com crianças entre os anos 2016 a 2019<sup>12</sup>, intencionando colocar em relevo elementos comuns entre algumas das pesquisas mais recentes:

*As perspectivas de bebês e crianças bem pequenas em contextos de Educação Infantil:* as pesquisas de Coutinho (2010), Castro (2011), Schmitt (2014), Jacques (2014), Rodrigues (2017) e Cabral (2019) consideram os bebês e crianças bem pequenas como informantes e partícipes das relações educativo-pedagógicas nos contextos de educação infantil.

*As formas de participação das crianças e suas relações sociais em contextos de Educação Infantil:* as pesquisas de Agostinho (2010) e Vasconcelos (2010; 2017) analisam as formas de participação das crianças; enquanto as pesquisas de Lessa (2011), Bezerra (2013), Mafra (2015) e Della Flora (2019) investigam as relações sociais estabelecidas pelas crianças em diferentes espaços de educação e cuidado que integram a Educação Infantil, bem como Silva (2010), Castodi (2011); Sponchiado (2012) e Nogueira e Silva (2018) no Ensino Fundamental.

*As perspectivas das crianças em diversos contextos de construção das infâncias:* as pesquisas de Dutra (2013), Nazário (2014) e Paula (2014) dirigem suas investigações para uma diversidade de contextos (automobilidade na cidade, acolhimento institucional e comunidade quilombola, respectivamente) de construção das infâncias, ampliando a reflexão para cenários não-formais de educação.

*Dimensões da corporeidade e do brincar na constituição social das crianças:* as pesquisas de Rivero (2015), Gaudio (2013) e Buss-Simão (2012), investigam as dimensões sociais e pedagógicas envolvendo a corporeidade e o brincar nos processos de constituição social, a partir dos pontos de vista das crianças.

Diante dos desafios apontados, em especial, o de colocar em diálogo o ponto de vista das crianças com os dos adultos em um processo relacional, à luz de teorias que nos conduzam ao exercício de uma ética na pesquisa, numa perspectiva de respeito aos direitos das crianças e no reconhecimento de seus saberes e modos de viver, os estudos do NUPEIN têm concentrado muitos esforços em problematizar questões relativas às linguagens infantis. Isso é particularmente relevante, considerando-se que a maioria das pesquisas realizadas ao longo destes 30 anos envolvem crianças nas faixas etárias compreendidas até os 6 anos de idade e que este fato “não as torna menos humanas”, como defendem Qvortrup, Corsaro e Honig (2009, p. 3).

No que tange às linguagens, o processo inicial de pesquisa com crianças no âmbito do NUPEIN orientava-se na direção da necessidade de ampliação do *processo de alfabetização* das/os pesquisadoras/es em relação às distintas linguagens e formas

---

<sup>12</sup> Destacamos que do total de onze pesquisas realizadas neste período (8 no âmbito do mestrado e 3 do doutorado), trouxemos para este texto aquelas que tomaram as crianças como interlocutoras, que consistem em 3 pesquisas de mestrado e 2 de doutorado.

de expressão que as crianças utilizam, com o intuito de responder aos questionamentos levantados por Cerisara (2004, p. 50):

Como captar as vozes das crianças mais pequenas, incluindo as que não “falam”? Como fazer a recolha das “vozes” das crianças? [...] Qual o tratamento a ser dado aos relatos das crianças? Como traduzir as linguagens das crianças e devolver as mensagens intactas, sem deformações? Será isso possível?

Orientadas(os) por estas, entre outras questões nesta direção, e fazendo *outras maiores perguntas*, pesquisadoras(es) do NUPEIN têm buscado olhar as situações interativas *com/entre* as crianças, de tal modo que nossos pontos de vista e nossas interpretações acabam por se encharcar com o ponto de vista das crianças, a partir das leituras que temos feitos das suas formas variadas de comunicação.

A partir desta compreensão em torno das *cem linguagens* das crianças, as inquietações têm girado em torno de como trazer essas linguagens para os textos, sem descaracterizar, inclusive, o jeito próprio da expressão oral das crianças. Ou seja, para além de compreendermos as falas/linguagens das crianças como relacional, direcionada e diversa, de que maneira apresentamos nos textos acadêmicos a linguagem própria das crianças: transcrevemos tal qual? Reproduzimos tal como nos chega, com omissões, acréscimos ou trocas de letras? Ou transformamos na língua culta? Como não instaurar uma “monocultura do saber” (SANTOS, 2006) que colonize os modos genuínos de comunicação das crianças - seus gestos, balbucios, choros, risos?

Avançando nesta reflexão, voltada ao horizonte das pesquisas com bebês, vimos que os Estudos da Infância ainda têm dificuldades em escutá-los. Não obstante, verifica-se um crescimento significativo dos estudos e pesquisas com bebês em contextos de Educação Infantil. O NUPEIN é um dos espaços que vêm se desafiando e se posicionando, no sentido de construir canais e ferramentas teórico-metodológicas que permitam uma escuta das formas peculiares de ser e de estar dos bebês no mundo. Tais incursões nos convocam a olhar para o conjunto de especificidades que constituem os bebês e desafiam nossas concepções e práticas de investigação.

Nesta direção, a trajetória consolidada de 3 décadas de pesquisas foi, aos poucos, adensando esta discussão e relacionando-a com a “questão de autenticidade”, tratada por James (2019) e discutida em parte anterior deste texto, a qual envolve “tradução, interpretação e mediação”.

Vimos que este *processo de alfabetização* convocado por Cerisara (2004), exigiu das/os pesquisadoras/es do NUPEIN o compromisso como uma “revolução na forma de considerar ontologicamente a criança como sujeito de conhecimento e na forma de

epistemologicamente valorizar tal conhecimento enquanto legítimo.” (DORNELLES; FERNANDES, 2015, p. 68). Exigiu também uma revisão quanto às metodologias empregadas na geração e interpretação dos dados, “mobilizando métodos e técnicas renovados sob a égide dos princípios orientadores dos estudos da criança”, de modo a “inventarmos novos territórios, novos questionamentos, novos caminhos investigativos com crianças”, citando novamente Dornelles e Fernandes (2015, p. 69-70).

Também na direção apontada por Ferreira e Lima (2020, p. 3), o NUPEIN entende ser de “[...] premente importância interrogar as metodologias que se dedicam às pesquisas com as crianças” e, a partir disso, levar com mais afinco os desafios colocados às pesquisas com crianças,

[...] problematizando as dicotomias marcadas na relação entre adultos e crianças, seja pela ênfase na sua similitude ou na sua alteridade, chamando atenção para os processos dialógicos que se estabelecem nas suas interdependências e alargando-as das relações intergeracionais às intrageracionais (FERREIRA; LIMA, 2020, p. 3).

Neste sentido, abre-se outro aspecto enfrentado pelas pesquisas do NUPEIN, diretamente imbricado às questões acima tratadas, que diz respeito ao poder e estatuto social de/entre adultos e crianças.

Conscientes do conteúdo ideológico que os adultos representam às crianças, a postura das/os investigadoras/es vinculadas/os ao NUPEIN têm sido a de colocar-se como alguém que valoriza os saberes e ações das crianças, de modo a “vislumbrar a alteridade das infâncias como um conjunto de aspectos que distinguem as crianças dos adultos e reconhecer as culturas da infância como um modo específico de interpretação e representação do mundo.” (DELGADO; MÜLLER, 2008, p. 164-165).

Ferreira e Lima (2020, p. 7) avançam sobre esta questão, valorizando a alteridade da infância, mas incluindo neste debate as conexões deste conceito com as noções de similitudes. Ou seja, essas autoras veem “alteridades e similitudes, como integrantes das relações dialógicas que, mesmo liminarmente, se estabelecem entre adultos e crianças” e, a partir de Morin (2002), posicionam que “o outro, qualquer que ele seja, é [...] ‘ao mesmo tempo, semelhante e dissemelhante; semelhante pelos traços humanos ou culturais comuns; dissemelhante pela singularidade individual ou pelas diferenças étnicas’”. Nesta direção, alteridade e similitudes entre adultos e crianças são “mutuamente partilhadas e constitutivas das relações inter e intrageracionais.” (FERREIRA; LIMA, 2020, p. 9).

Alinhados com esta defesa, os esforços dos estudos do NUPEIN sustentam a perspectiva de que o poder não é linear e tampouco dicotômico (adultos e crianças têm

o poder). A questão posta está na possibilidade de equilibrar o poder entre todos os sujeitos, de modo a contemplar o princípio da simetria metodológica e ética salvaguardado pelos Estudos da Infância.

Pia Christensen e Alan Prout (2002) são outros autores que têm nos ajudado no enfrentamento dos desafios, em especial, ao abordarem sobre a ética nas pesquisas com crianças. Defendem o entendimento de uma "simetria ética" na pesquisa entre adultos e crianças e, a partir da compreensão da criança como ator social e participante social, pontuam que o relacionamento ético entre o pesquisador e seu interlocutor é o mesmo, indiferente de ser adulto ou ser criança. Alertam para a necessidade de intensificar o diálogo entre a comunidade de pesquisadores(as) da infância, assim como entre esses e as crianças envolvidas nas pesquisas. Também chamam à atenção sobre a importância de diálogos complementares para aprofundar a compreensão sobre as questões éticas.

Este movimento de intensificação de diálogos tem contribuído para o enfrentamento do que Fernandes (2016) tem chamado de "*eticocídio* do conhecimento". Isso é, do processo que historicamente ignora "a ontologia ética das crianças nos processos de construção de conhecimento acerca de si, desvalorizam-se as suas perspectivas, a sua autoria e atoria social". Um processo que compromete as pesquisas com crianças, "subalternizando-se as perspectivas de uns (crianças) em detrimento de outras (dos adultos), invisibilizando, dessa forma, a riqueza que adviria dos seus contributos e heterogêneas visões e perspectivas." (FERNANDES, 2016, p. 762).

Cabe ainda mencionar o dilema e constrangimento das pesquisas do NUPEIN em relação aos protocolos regulatórios institucionais colocados em prática nas pesquisas com crianças, que se expressa nas exigências dos Comitês de Ética e demais procedimentos que visam salvaguardar as crianças, os quais, algumas vezes, acentuam as vulnerabilidades infantis, invisibilizando as vozes das crianças. Entretanto, dado o contingenciamento de páginas atribuído ao artigo, sugerimos o estudo de Nazario e Tizzatto (2019), que tratam desta questão a partir dos programas de acolhimento institucional.

Um último aspecto que se soma às reflexões do NUPEIN que ainda queremos abordar, dado os limites de um artigo, como já pontuamos, diz respeito aos impactos dos resultados das pesquisas realizadas, de modo a lançar mais algumas perguntas: quem são as crianças beneficiadas com as nossas investigações? De que forma isso acontece? Além dos efeitos da investigação nas crianças envolvidas, como poderão as conclusões afetar grupos maiores de crianças? (ALDERSON, 1995). Tais questões

seguem no horizonte de preocupações e encaminhamentos das pesquisas do NUPEIN e, em cada estudo, são enfrentadas com as singularidades que cada contexto de investigação demanda, contribuindo para o adensamento de conceitos muitas vezes empregados de uma forma pouco crítica quando se trata das crianças, como é o caso dos conceitos de ator social ou sujeito de direitos.

## **CONSIDERAÇÕES EM CURSO...**

Ao se propor a escutar as crianças as(os) pesquisadoras(es) do NUPEIN vêm enfrentando dilemas e impasses relacionados à busca de uma relação de cuidado ético com elas, e somam na complexa tarefa de definição e construção de uma pedagogia para a infância, acrescentando o seu ponto de vista geracional.

Na condição de um núcleo de pesquisa que completa 3 décadas de existência, vimos o quão importante foi o papel do NUPEIN na problematização e enfrentamento de visões universalizantes e biologizantes, responsáveis pela construção de perspectivas reducionistas da infância e do desenvolvimento das crianças. Neste sentido, reiteramos a importância de pensarmos e aprofundarmos nossas compreensões e perspectivas sobre as crianças e a infância, para que, a partir de pesquisas que se propõem a escutá-las, possamos refletir e informar/subsidiar a formação, as práticas e as políticas na educação da infância, concebendo as crianças como seres biopsicossociais e a docência como uma relação social educativa fundamentada no respeito aos diferentes saberes que compõem esta relação.

Nos trajetos de nossas pesquisas buscamos uma relação responsável com os outros, em um mundo comum e plural, com igualdade social, em que valorizamos a autonomia, a responsabilidade, a solidariedade e o respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades<sup>13</sup> e singularidades (BRASIL, 2009).

Falar em ética na pesquisa com crianças exige atentar ao fato de que esta não é uma questão homogênea e comum entre todas as pesquisas. Nesta discussão estão implicadas questões etárias, de gênero, de classe social ou ainda de contextos onde tais pesquisas são realizadas, as quais tangenciam as experiências individuais e coletivas das crianças. Corroboramos com Warming (2011 apud SPYROU, 2018) quando afirma que ainda vivemos um tempo em que apenas as vozes e pontos de vista de algumas

---

<sup>13</sup> Recorremos a autores da Sociologia, como Bauman (2005) e Hall (2006), entre outros, que definem identidade como complexa, inacabada, derivada de permanente tensão entre o sujeito histórico e as condições materiais de seus contextos de vida.

crianças são ouvidos e considerados, ao passo que as de outras crianças nem são reconhecidas, fato que convoca ainda mais a ética dos(as)/entre os(as) pesquisadores(as).

Ao finalizar este texto, gostaríamos de rememorar a simbólica reflexão de Alisson James em entrevista concedida às pesquisadoras Flávia Ferreira Pires e Maria Letícia Barros Pedroso Nascimento (2014, p. 939), em que, ao tratar dos avanços dos Estudos da Infância, a pesquisadora faz menção a uma fala de "Judith Ennew dizendo que teríamos conquistado alguma coisa quando tivesse uma estante na biblioteca com Estudos da Infância". Ao tomarmos esse comentário com os olhos voltados às produções do NUPEIN ao longo da sua trajetória de núcleo de pesquisa (pré)ocupado com as crianças e seus processos educativos, ousamos dizer que avançamos nesta direção, tendo em vista a ampliação de teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso da Pedagogia e de iniciação científica, os quais quase enchem uma estante, e que, sobretudo, contribuem para a compreensão sobre as diferentes infâncias, de modo a permitir que as crianças assumam a visibilidade que deveriam ter não somente no campo científico, mas igualmente, no campo social e político.

## REFERÊNCIAS

ALDERSON, Priscilla. **Listening to children:** children, ethics and social research. Barking: Barnado's, 1995.

BAUMAN, Zygmunt (2005). **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BRASIL. SENADO. **Lei N. 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 16/7/1990, p.13.563.

BRASIL. MEC/SEF/COEDI. **Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças.** Brasília-DF: MEC/SEF/COEDI, 1995.

BRASIL. MEC/CNE/CEB. Resolução N. 5, de 17 de dezembro de 2009. **Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília-DF: MEC/CNE/CEB, 2009.

CERISARA, Ana Beatriz. Em busca do ponto de vista das crianças nas pesquisas educacionais: primeiras aproximações. *In:* SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (Orgs.). **Crianças e Miúdos:** perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Edições ASA: Porto/Portugal, 2004, pp. 35-54.

CHRISTENSEN, Pia; PROUT, Alan. Working with ethical symmetry in social research with children. **Childhood**, 9, (477- 497), 2002.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. Abordagens etnográficas nas pesquisas com crianças. *In*: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 141-157.

DORNELLES, Leni Vieira; FERNANDES, Natália. Estudos da criança e pesquisa com crianças: nuances luso-brasileiras acerca dos desafios éticos e metodológicos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 15, n. 1, p. 65-78, jan./abr. 2015.

FERNANDES, Natália. Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios. **Revista Brasileira de Educação** v. 21 n. 66 jul.-set. 2016.

FERREIRA, Maria Manuela Martinho. **"A gente gosta é de brincar com os outros meninos!"**- relações sociais entre crianças no Jardim de Infância. Porto, Edições Afrontamento, 2004.

FERREIRA, Maria Manuela Martinho; NUNES, Ângela. Estudos da Infância, Antropologia e Etnografia: potencialidades, limites e desafios. **Linhas Críticas** (Online), v. 20, p. 103-123, 2014.

FERREIRA, Maria Manuela Martinho; RIVERO, Andréa. Estudos no contexto da educação de infância: a ética como prática de reflexividade crítica. *In*: NASCIMENTO, Inês; SAVI NETO, Pedro. (org.). **Ensaio sobre ética e investigação em psicologia e educação**. Porto, Portugal: Mais Leituras, 2020, pp. 73-83.

FERREIRA, Maria Manuela Martinho; LIMA, Patrícia de Moraes. Infância e Etnografia: dialogia entre alteridades e similitudes. **Perspectiva** – Revista do Centro de Ciências da Educação. Volume 38, n. 1 – p. 01 – 14, jan./mar. 2020 – Florianópolis.

GONÇALVES, Fernanda; VASCONCELOS, Giselle Machado De; AGOSTINHO, Kátia Adair; NAZARIO, Roseli. **Ética na pesquisa com crianças: abordagens dos estudos do NUPEIN**. Apresentado no V GRUPECI, 2016 (não publicado).

HALL, Stuart. (2006). **A identidade cultural na pós-modernidade** (11ª. Edição). São Paulo: DP&A.

HARDMAN, Charlotte. Can there be an Anthropology of Children? **Journal of the Anthropological Society of Oxford**. Volume 4, Issue 2, 1973, pp. 85-99.

JAMES, Allison. Dando voz às vozes das crianças: práticas e problemas, armadilhas e potenciais. **Zero-a-Seis**, Florianópolis: CED/NUPEIN, v. 21, n. 40, p. 219-248, set./dez. 2019.

KOHAN, Walter Omar. **Infância, estrangeiridade e ignorância: Ensaio de Filosofia e Educação**. Belo Horizonte-MG: Autêntica, 2007.

NASCIMENTO, Maria Letícia Barros Pedroso. Reconhecimento da Sociologia da Infância como área de conhecimento e campo de pesquisa: algumas considerações. *In*: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela. **Sociologia da Infância no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. p. 37- 54.

ONU. Assembleia Geral das Nações Unidas. **Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança**. ONU, 1989.

PIRES, Flávia Ferreira; NASCIMENTO, Maria Letícia Barros Pedroso. O propósito crítico: entrevista com Allison James. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 35, nº. 128, p. 629-996, jul-set, 2014.

QVORTRUP, Jens; CORSARO, William; HONIG, Michael (Eds). **The Palgrave Handbook of Childhood Studies**. Basingstoke: PalgraveMacmillan, 2009.

RIVERO, Andréa Simões; LESSA, Juliana Schumacker. **Perspectivas das crianças nas pesquisas**: caminhos para a consolidação de uma Pedagogia da Infância. Apresentado no V GRUPECI, 2016 (não publicado).

ROCHA, Eloisa Acires Candal. **A pesquisa em Educação Infantil no Brasil**: trajetória recente e perspectivas de consolidação de uma Pedagogia. Florianópolis: UFSC, Centro de Ciências da Educação, Núcleo de Publicações, 1999.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. 30 anos da Educação Infantil na ANPED. *In*: SOUZA, Gizele (Org.). **Educar na infância**: perspectivas histórico-sociais. São Paulo: Contexto, 2011, pp. 157-170.

ROCHA, Eloisa Acires Candal; BUSS-SIMÃO, Márcia. Infância e educação: novos estudos e velhos dilemas da pesquisa educacional. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 943-954, out./dez. 2013.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1956] 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**. Para uma nova cultura política. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e Alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago. 2005.

SILVA, Aracy Lopes Da; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva; NUNES, Ângela. (Orgs). **Crianças indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: Global. 2002.

SPYROU, Spyros. **Disclosing childhoods**. Research and knowledge production for a critical childhood studies. London: Palgrave, 2018.

## DISSERTAÇÕES E TESES DO NUPEIN CITADAS NO TEXTO

AGOSTINHO, Kátia Adair. **Formas de participação das crianças na Educação Infantil.** 2010. Tese de Doutorado - Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2010.

BATISTA, Rosa. **A Rotina no dia-a-dia da creche: entre o proposto e o vivido.** 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

BEZERRA, Maurícia Santos de H. **O espaço na educação infantil:** a constituição do lugar da criança como indicador de qualidade. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

BUSS-SIMÃO, Márcia. **Relações sociais em um contexto de educação infantil:** um olhar sobre a dimensão corporal na perspectiva de crianças pequenas. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

CABRAL, Viviane Vieira. **O corpo dos bebês na constituição da especificidade da docência na Educação Infantil.** 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

CASTODI, Geane de Aquino. **"Tchau, creche! adeus, creche! vamos pra escola!":** os *sentidos* que as crianças da educação infantil constroem sobre a escola de ensino fundamental. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

CASTRO, Joselma Salazar de. **A constituição da linguagem e as estratégias de comunicação dos e entre os bebês no contexto coletivo da educação infantil.** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. **A ação social dos bebês:** um estudo etnográfico no contexto da creche. 2010. Tese. Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2010.

DELLA FLORA, Maristela. **Crianças e Natureza:** uma possibilidade criadora na Educação Infantil. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

DUTRA, Cristian Pedro Rubini. **'Andando' na cadeirinha:** reflexões sobre as infâncias automobilizadas da Grande Florianópolis. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

FRANZONI, Juliana Ribeiro Alves. **Desafios e possibilidades à consolidação de uma proposta democrática na educação Infantil.** 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

GAUDIO, Eduarda. **Relações sociais na educação infantil:** dimensões étnico-raciais, corporais e de gênero. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

JACQUES, Eneida Holz Jacques. **Inserção na creche:** estudo de caso de um bebê recém-chegado. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

LESSA, Juliana Schumacker. **O espaço alimentar e seu papel na socialização da infância:** o caso de uma creche pública. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

MAFRA, Aline Helena. **"Aqui a gente tem regra pra tudo":** Formas regulatórias na educação das crianças pequenas. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

NAZÁRIO, Roseli. **A infância das crianças pequenas no contexto de acolhimento institucional:** narrativas de meninas e meninos na Casa (Lar). 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

NOGUEIRA E SILVA, Leonardo. **Evídeo:** ou da Educação com imaginação na Infância Filósofa. 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

OLIVEIRA, Alessandra Mara Rotta De. **Do outro lado:** a infância sob o ponto de vista das crianças no interior da creche. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

PAULA, Elaine De. **"Vem Brincar na rua!": Entre o quilombo e a Educação Infantil:** capturando expressões, experiências e conflitos de crianças quilombolas no entremeio desses contextos. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

RODRIGUES, Zoleima Pompeo. **A Inserção na relação educativo-pedagógica da Educação Infantil.** 2017. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

SCHIMITT, Rosinete Valdeci. **As relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas:** contornos da ação docente. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SPONCHIADO, Justina Inês. **"Da relação com a escola e seus saberes entre crianças (d)e famílias de "baixa renda"** - um estudo a partir de uma instituição pública da Ilha de Santa Catarina. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

SILVA, Márcia Agostinho da. **"Vai sentar! Parece que tem bicho forgulha no corpo!"**: o "lugar" das crianças na creche. 2010. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

RIVERO, Andréa Simões. **O brincar e a constituição social das crianças e de suas infâncias em um contexto de educação infantil**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

VANZUITA, Simone. **Relações étnico-raciais**: orientações, leis e práticas nas instituições de educação infantil. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

VASCONCELOS, Giselle Silva Machado De. **"Você vai ter que aprender a desobedecer!" A participação das crianças nas relações pedagógicas**: um estudo de caso na educação infantil. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

VASCONCELOS, Giselle Silva Machado De. **A participação infantil nas ações pedagógicas**: um estudo das relações educativas em um contexto de Educação Infantil pública. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

## NOTAS

### TÍTULO DA OBRA

**Ética nas pesquisas com crianças: desafios que marca(ra)m os 30 anos de história do núcleo de estudos e pesquisas da educação na pequena infância (NUPEIN – CED/UFSC)**

Ethics in research with children: Challenges that mark the 30-year history of the nucleus of studies and research in early childhood education (NUPEIN - CED/UFSC)

**Roseli Nazario**

Doutora em Educação  
Instituto Federal Catarinense (IFC)  
Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE)  
Camboriú, Brasil  
[roseli.nazario@ifc.edu.br](mailto:roseli.nazario@ifc.edu.br)

 <https://orcid.org/0000-0002-4562-148X>

**Andréa Simões Rivero**

Doutora em Educação  
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)  
Curso de Pedagogia  
Chapecó, Brasil  
[andrea.rivero@uffs.edu.br](mailto:andrea.rivero@uffs.edu.br)

 <https://orcid.org/0000-0002-4268-5920>

### ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Gentil Sandin, 380 – Bloco Alecrim, apto 405, bairro Praia Comprida, CEP 88103-650, São José, SC, Brasil.

## **AGRADECIMENTOS**

Este texto, embora tecido a duas mãos, comporta a polifonia das discussões e reflexões produzidas ao longo das três décadas de existência deste Núcleo de Estudos e Pesquisas. Também traz aspectos tratados nos textos apresentados no V GRUPECI (2016 – não publicados), cuja autoria compartilhamos com colegas a quem agradecemos nominalmente: Fernanda Gonçalves; Giselle Machado de Vasconcelos; Kátia Adair Agostinho e Juliana Schumacker Lessa.

## **CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA**

**Concepção e elaboração do manuscrito:** R. Nazario; A. S. Rivero

**Coleta de dados:** R. Nazario; A. S. Rivero

**Análise de dados:** R. Nazario; A. S. Rivero

**Discussão dos resultados:** R. Nazario; A. S. Rivero

**Revisão e aprovação:** R. Nazario; A. S. Rivero

## **CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA**

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

## **FINANCIAMENTO**

Não se aplica.

## **CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM**

Não se aplica.

## **APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

Não se aplica.

## **CONFLITO DE INTERESSES**

Não se aplica.

## **LICENÇA DE USO** – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

## **PUBLISHER** – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

## **EDITORES** – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

## **HISTÓRICO** – uso exclusivo da revista

Recebido em: 30-03-2021 – Aprovado em: 15-06-2021